

Associação acusa autarquias de crime ambiental

Viatura da Câmara de Vila Franca serviu para descargas de entulhos

JORGE TALIXA

A associação *Os Amigos do Forte* criticou, na semana passada, a forma como um camião da Câmara Municipal de Vila Franca de Xira depositou, junto à ribeira dos Caniços, entulho proveniente da demolição do antigo mercado retalhista do Forte da Casa.

No entender da associação, com esta atitude, a câmara municipal e a Junta de Freguesia do Forte da Casa “dão o exemplo de desrespeito absoluto pelas áreas de Reserva Ecológica e Reserva Agrícola [nacionais] e linhas de água do concelho”.

Segundo *Os Amigos do Forte*, que divulgaram uma fotografia de “uma das muitas descargas de entulho”, este “crime ambiental” é “o exemplo acabado da hipocrisia dos arautos de um concelho de qualidade, quando os mesmos se encarregam de, pouco a pouco, contribuírem para a sua degradação ambiental, neste caso da ribeira dos Caniços”.

O assunto foi, também, apresentado na última da assembleia municipal, com Carlos Braga, da CDU, a estranhar que, depois do vereador do urbanismo ter garantido que um par-

ticular que colocara terras na mesma área já havia sido notificado para as retirar, apareça uma viatura do próprio município a descarregar entulhos na ribeira. “Não só não foram retiradas as terras, como o vereador tinha dito, como também uma viatura municipal foi depositar entulho no mesmo local”, criticou o eleito comunista, perante as provas documentais da descarga dos entulhos.

A presidente da autarquia vila-franquense, a socialista Maria da Luz Rosinha, esclareceu que a câmara municipal emprestou uma viatura à Junta de Freguesia do Forte da Casa, a quem já pediu explicações para o sucedido.

O também socialista António José Inácio, presidente da junta do Forte da Casa, explicou, por seu turno, que a situação não corresponde exactamente ao denunciado pela associação, garantindo que os depósitos de entulhos foram feitos “a vários metros de distância da ribeira”, tendo em conta que a vizinha estrada dos Caniços vai ser alargada. Os materiais depositados, alegou o autarca, vão ajudar a consolidar o local. ■

CALDAS DA RAINHA PODE VIR A TER EXOMUSEU

Museu de História Natural será parceiro para agrupar sítios geológicos

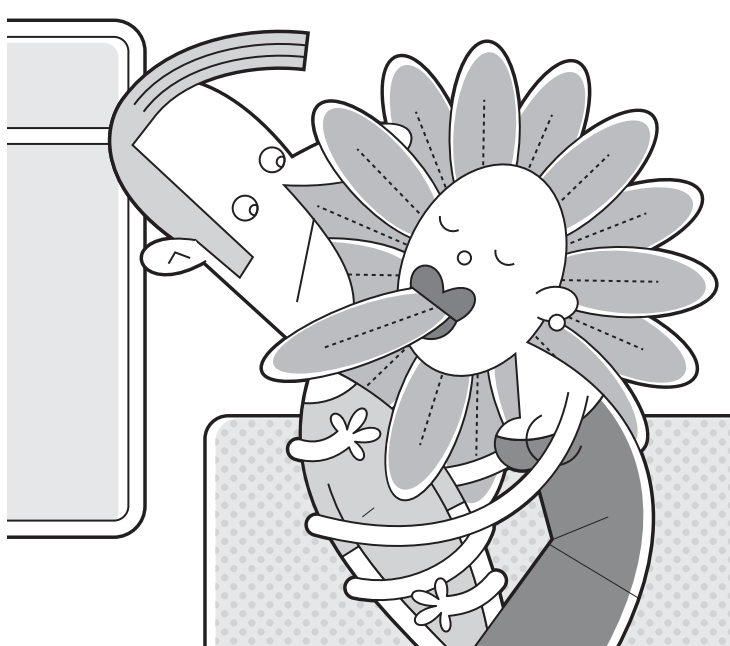
RUITIBÉRIO

Caldas da Rainha pode vir a ter um exomuseu, uma ideia inovadora que consiste numa estrutura formada por um conjunto de sítios ao ar livre, para que a paisagem natural e património geológico envolventes possam ser apreciados. Será o caso de geosítios – ou sítios geomorfológicos – situados no litoral do concelho, como o Penedo Furado, na freguesia da Foz do Arelho, ou as grutas, as dunas, as pegadas de dinossauros e a emergência das águas da Pocinha, na freguesia de Salir do Porto, no extremo oposto da baía de São Martinho do Porto.

A estrutura física central de apoio científico a todos os sítios, como pressupõe o conceito, será o Museu de História Natural. Com o objectivo de desenvolver esta ideia, deslocou-se às Caldas uma delegação composta pelo anterior director do museu, Galopim de Carvalho, e o actual responsável, Fernando Barriga. Para Jorge Mangorinha, vereador com o pelouro do Património, “os geosítios, como recursos não renováveis de carácter cultural, têm um conteúdo importante para o conhecimento e estudo da evolução dos processos geológicos da região” e “qualquer deles encerra potencialidades didácticas e turísticas e ainda não exploradas”.

A comitiva visitou os geosítios que deverá integrar o museu e constatou, por exemplo, que as pegadas de dinossauros necessitam de intervenção para protecção dos que as visitam, uma vez que são perigosas porque se situam junto às arribas oceânicas. “Pretende-se agora elaborar também alguns estudos que contextualizem estes achados no conjunto de vestígios do género existentes no território nacional”, referiu o vereador.

As Grutas de Salir, por exemplo, poderão ser objecto do chamado “turismo de aventura”, o que faria com que, por não estarem abandonadas, não ficassem sujeitas a actos de vandalismo como agora acontece. O vereador irá ordenar a caracterização destes geosítios, visto que houve, refere, receptividade à ideia pelos representantes do Museu de História Natural. Num dos monumentos naturais visitados, o Penedo Furado, começou a segunda fase de conservação, devendo a área envolvente ser melhorada em termos paisagísticos, com a introdução de informação interpretativa, com a colaboração do museu. ■



INDO EU... RICARDO GARCIA

ARES DE PRIMAVERA NO 45 DA CARRIS

Eu vinha no 45, que sacolejava em queda livre Avenida da Liberdade abaixo, rumo ao Cais do Sodré. Este modo de condução gravitacional, em que o condutor simplesmente deixa o autocarro seguir as leis da natureza, é o que me faz sempre preferir a Carris ao Metro nas descidas. Mas, como eu dizia, eu vinha no 45, trazendo os meus pertences habituais, mais um saco de nêsperas, fruta tipicamente primaveril.

Entraram na Avenida e acomodaram-se na “sala de estar” da frente – aquelas duas filas de bancos voltadas uma para a outra, reservadas a idosos, grávidas e deficientes, mas onde normalmente se sentam jovens, turistas e matulões. À sua frente estavam duas outras passageiras, desconhecidas do casal. Mas para a florescente rapariga, era como se não houvesse mais ninguém.

Entraram na Avenida e acomodaram-se na “sala de estar” da frente – aquelas duas filas de bancos voltadas uma para a outra, reservadas a idosos, grávidas e deficientes, mas onde normalmente se sentam jovens, turistas e matulões. À sua frente estavam duas outras passageiras, desconhecidas do casal. Mas para a florescente rapariga, era como se não houvesse mais ninguém num raio de duzentos metros. Sentou-se, deixou-se escorregar no banco, aninhou a cabeça no ombro do companheiro e lascou-lhe um beijo de estalar.

Não vou entrar em detalhes, para não ferir a susceptibilidade dos leitores. Direi apenas que foi um ósculo cinematográfico, mas de um filme que os mais sensíveis classificariam para maiores de 16 anos. De onde eu estava, mais atrás na viatura, assisti a um luzidio festival de papilas gustativas. Passageiros mais bem posicionados, porém, terão tido a oportunidade de confirmar se à miúda faltava o último molar superior direito ou mesmo se ela já tinha sido operada às amígdalas.

Atento ao mundo que o cercava, o rapaz notou logo que tinha de travar a companheira. Mas ela insistia. Puxava-lhe a cabeça, sorrindo, e ele se afastava, pescoço herto e boca semi-cerrada. Quando ele lhe virava o rosto, ela atacava-lhe o flanco. Com duas ou três investidas dessas, o

Para a florescente rapariga era como se não houvesse mais ninguém. Sentou-se, deixou-se escorregar no banco, aninhou a cabeça no ombro do companheiro e lascou-lhe um beijo de estalar

sujeito certamente ficou com o aparelho auditivo limpo para o resto da semana.

Não é preciso dizer que todos ficaram sensibilizados com a ternura da cena, verdadeiramente pueril. Sem esperar para ver até onde iria o espectáculo, uma das passageiras que estava bem à frente do casal levantou-se e encaminhou-se para a porta, apressada, com o pretexto de descer – o que, afinal, só se consumou algumas paragens a seguir.

Nada incomodava a rapariga. Ela era lábios, ela era pernas, ela era mãos, ela era a Primavera em pessoa. O rapaz, às tantas, já lhe segurava os dois braços, procurando amparar-lhe os golpes amorosos, que geograficamente ameaçavam descer para níveis dignos de filmes para muito maiores de 16 anos.

A coisa já se estava a transformar em luta, quando súbita e inexplicavelmente ela parou – para alívio e frustração da assistência, conforme o caso. Numa fracção de segundo, endireitou-se no assento, assumiu um ar composto e sério, transformou-se de vinho em água. Pareceu-me que o namorado tinha-lhe dito algo inconveniente. Mas não: era o telemóvel que tocava dentro da mala. E dentro do telemóvel, a mãe dela, senhora muí respeitável, ao que tudo indica possuidora de invejáveis dotes telepáticos. “Olá, mamã. Sim, mamã. Eu? Não, mamã. Está bem, já vou, mamã. Até já, mamã.”

O caso parecia arrumado. No entanto, despaçada a mãe, a miúda voltou-se a derreter no assento, a recostar a cabeça no ombro do namorado e a agir em conformidade com a estação do ano. E com isso, o autocarro todo voltou a suar de calor, inclusive as minhas nêsperas, que finalmente desembarcaram comigo no Cais do Sodré. ■

Teatro da Comarçaria

Edward Bond

A CADEIRA

ESTREIA 16 de JUNHO

Encenação: Luís Miguel Cintra; Cenário e figurinos: Cristina Reis; Desenho de luzes: Daniel Worm d'Assumpção.

Interpretação: Catarina Requeijo, Dinis Gomes, Luísa Cruz e Paulo Moura Lopes.

Estrutura financiada pelo M/C MINISTÉRIO DA CULTURA Instituto das Artes

M/12

De 3ª a Sábado às 21.30h. Domingos às 17.00h. TEATRO DO BAIRRO ALTO Ruae Tenente Raul Cascais, 1A 1250 Lisboa T: 213961515 / Fax: 213954508 E-Mail: info@teatro-cornucopia.pt